

Do baú da memória: histórias de professora

*Regina Leite Garcia**

Ter sido professora primária por tantos anos, tantos que já me fazem ser reconhecida por mais de uma geração de professoras e professores e na verdade nunca ter saído da escola, pois que a ela voltei sempre, mesmo depois de aposentada, agora voltando na condição de pesquisadora, me faz ter um baú de memórias, onde estão guardadas tantas histórias, algumas vividas por mim, outras contadas por tantas professoras que fui conhecendo. Fui assim me tornando uma contadora de histórias de escolas, de professoras, de alunos e alunas, histórias enfim sobre educação.

Há pouco tempo li uma nota sobre a Coleção Grió,² que me ajudou a entender o papel que algumas de nós temos desempenhado em nossa luta em defesa da escola pública, tão desrespeitada em nosso país e tão importante na luta maior pela democratização da sociedade. Fez-me até compreender melhor por que resolvemos organizar

* Professora titular em Alfabetização da Faculdade de Educação da UFF – Universidade Federal Fluminense. Membro do GT de Currículo da ANPED. Autora de artigos publicados no Brasil e no exterior.

² Coleção publicada pela Editora Mazza.

esta coleção de livros em que pretendemos denunciar o processo de destruição da escola pública e de desmoralização da professora e anunciar alto em bom som que a escola pública não está morta e que as professoras não desistiram de lutar pela sobrevivência dela. Não nos conformávamos com a explicação dada por tantas autoridades educacionais ou não, para o fracasso escolar, ao localizá-lo na má formação do professor. Quero contrapor a essa avaliação, uma outra história, que fala de outro lugar e de onde falam aquelas que não concordam com tal significação quanto ao problema do fracasso escolar.

É desta história que se trata neste texto, trazendo falas que vêm de dentro da escola, falas de quem está concentrada/empenhada em estabelecer na sala de aula um espaço rico de aprendizagens significativas para alunos e alunas e usa todas as suas energias para criar alternativas pedagógicas que possam favorecer essas aprendizagens. São falas de quem vive correndo de uma primeira escola na parte da manhã, para uma segunda escola na parte da tarde e que muitas vezes ainda sai correndo para uma escola noturna, para, no final do mês, poder pagar todas as contas e... conseguir sobreviver mais um mês... uff, vitória!... Com esta vida, em que o tempo é inimigo, pois corre mais do que o indispensável para, além da tripla jornada de trabalho, poder dar conta da casa, dos filhos, e de ser mulher, impossível seria encontrar tempo para falar, para se defender de acusações tão injustas, difícil encontrar tempo para se organizar coletivamente, para que a sua voz isolada pudesse ganhar força, produzir eco e ser ouvida no espaço social mais amplo somando-se a outras vozes até chegar aos que estão no poder para que, lá chegando forte e vigorosa, obrigasse a pensar na luta heróica das professoras que ficaram na escola, apesar de tudo e todos, e se ficaram, é porque

acreditam que há algo de muito importante a ser feito aí e que só elas podem fazer, coisa que nenhum computador, televisão ou *kit* pedagógico pode fazer em seu lugar.

Se as professoras vivem nessa corrida contra o tempo, sem lhes sobrar tempo para escrever sobre suas histórias, resolvi assumir o papel do griô e, pedindo-lhes licença, me tornar escrevente de histórias que falam de suas histórias que não escrevem, pois o tempo delas é pouco para não mais que sobreviver.

Como os griôs, tenho transmitido oralmente, em minhas andanças pelo Brasil, e agora também por escrito, neste livro, e em tantos outros que já escrevi, as histórias das professoras que não desistem de lutar pela qualidade da escola pública, contribuindo para a preservação da memória da categoria magistério.

E ao mesmo tempo, vou recolhendo histórias de professoras por este país afora, levando de lugar para lugar as histórias que me contam. Essas histórias narradas pelas professoras vão constituindo uma memória coletiva que, espero, possa contribuir para recuperar um autoconceito positivo e um sentimento de potência criadora, que um dia as professoras tiveram, já que hoje se assiste a uma ação orquestrada de desmoralização a partir da falsa idéia de que a escola risonha e franca morreu e que agora é preciso eficiência que acompanhe a lógica do mercado.

Parte desta tarefa divulgadora e organizativa, trata-se deste texto, em que me valho da escrita para ampliar as possibilidades de minha função griô. Minha intenção é que fique claro ser a prática um *locus* de produção de conhecimentos que muitas vezes antecipa o que a teoria mais tarde afirma ser a verdade científica.

Tiremos então do baú de memórias algumas histórias escolhidas a esmo, pois tantas há que basta abrir o baú que elas pulam procurando espaço para falar.

Primeira história – Copa do mundo pode ser uma inteligente oportunidade de trabalhar transversalmente

Lúcia, professora na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, chega à escola no dia seguinte do jogo Brasil x Marrocos e transforma a sala de aula numa “zorra”, segundo a servente, “bagunça”, segundo algumas professoras, “caos”, segundo a diretora. O que foi acontecendo durante aquele dia e nos dias que se seguiram obrigou a servente, as professoras e a diretora a repensarem o que afinal é zorra, bagunça e caos numa sala de aula e, até, sem terem lido Prigogine, aprenderem na prática que do caos pode surgir uma nova forma de organização mais criativa e livre – um novo espaço de liberdade – em que cada aluno e aluna podiam se aventurar por diferentes áreas do conhecimento a partir de seu próprio interesse e assim fazendo chegar a novas sínteses. A surpreendente multiplicidade de saberes que decorreu do processo que abria espaço para saberes já conhecidos por alguns e criava possibilidades para a emergência de saberes novos para todos, evidenciava a riqueza da diferença, em que as fronteiras da divisão disciplinar eram rompidas e a disciplina autoritária era substituída pela alegria espontânea do descobrir e do conhecer. Da homogeneidade forçada da escola tradicional, em que todos caminham pelos mesmos caminhos já antes caminhados e que levam ao mesmo ponto, ou seja, à repetição; a heterogeneidade, de fato comum a todos os grupos, ao ser respeitada, possibilita

abrir novos caminhos levando a pontos diversos, ou seja, ao aparecimento e reconhecimento da diferença.

Antes do relato de Lúcia, é preciso que eu diga que ela não faz nunca planejamento fechado. Ela traz a cada dia algumas idéias, que nem sempre se mostram oportunas, pois o que indica a pertinência do planejado é a reação dos alunos e alunas da turma. Quando a turma sinaliza que aquilo que Lúcia trouxera como assunto a ser tratado no dia, não é o que responderia ao interesse das crianças, ela rapidamente muda, e guarda para outro dia, pois procura estar sempre sintonizada com a turma (Barbier, sociólogo francês, chamaria a isso *escuta sensível*; meu grupo de pesquisa, todas educadoras brasileiras, amplia este conceito e afirma a “sensibilidade dos sentidos”, uma forma de apreensão do real que não se limita à simples apreensão intelectual). O que Lúcia não deixa de fazer é registrar tudo o que acontece a cada dia em sua sala de aula. Segundo ela, este é o seu tesouro e seu termômetro. É por esse registro de classe que Lúcia se pauta para controlar o que faz, como faz e por que faz.

Mais do que qualquer controle externo, é à própria professora que cabe controlar o desenvolvimento de seu trabalho. Mais do que qualquer prova unificada, é por ali que Lúcia se pauta para ir avaliando as crianças e redirecionando a sua prática pedagógica, pois por tudo que observo em seu cotidiano de professora comprometida, ela sabe que o sentido verdadeiramente educativo da avaliação é a possibilidade de ser replanejada a ação pedagógica e não de controlar, classificar, rotular, discriminar e excluir os alunos e alunas. Na sala de aula de Lúcia, Eros é bem-vindo e abre alas para a expressão da multiplicidade.

Vamos portanto ao registro de Lúcia que, a partir de um tema inicial – um jogo do Brasil na Copa do Mundo –

transformou a sala de aula num “caos” (na avaliação de quem só consegue ver com os olhos do já visto, ou seja, da mesmice) e, a partir do caos inicial, criou um clima de participação, curiosidade, interesse, prazer, aprendizagens, o que mobilizou os desejos da própria professora e de seus alunos e alunas a se engajarem num rico processo de investigação, descobertas, aprendizagens. Vejamos, acompanhando o registro, o que aconteceu, como aconteceu e quais os “conteúdos programáticos” tratados durante os dias que se seguiram ao dia do jogo Brasil x Marrocos.

Dia 17 de junho de 1998.

Hoje, quando entrei na sala encontrei as crianças alvoraçadas. Senti que não dava para dar o item do programa que tinha planejado. Pretendia hoje ensinar tanta coisa importante para a tal prova conjunta da escola e que se eu não desse o programa as crianças se *ferrariam*. Mas como eu posso ensinar o que dizem que é preciso que as crianças aprendam se elas só querem falar no jogo Brasil x Marrocos? Eu sempre desconfio que não é possível que todas as crianças devam aprender as mesmas coisas na mesma hora. Eu não sei como é que se pode ser construtivista e ensinar as mesmas coisas na mesma hora para pessoas diferentes. Ou eu não entendi o que é esse negócio de construtivismo, que em todas as reuniões nos dizem que é o moderno, ou o que a supervisora diz que nós temos que cumprir – os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) –, não têm nada a ver. Eu desconfio que nem elas sabem. Deixa *pralá*, porque o que interessa é que as minhas crianças aprendam a ler e escrever bem e aprendam a pensar, que é nisso que eu acredito.

Bem, quando eu vi que não ia conseguir seguir o que tinha planejado, pensei rápido que “se Maomé não vai

à montanha, a montanha vai a Maomé”. Em vez de tentar impor disciplina, deixei *rolar* a conversa. Aí eles e também elas começaram a comentar o jogo, a fazer perguntas e eu compreendi que podia transformar aquela *falação* em aula. Fica até difícil anotar tudo que as crianças aprenderam e tudo que eu entendi que elas podiam continuar a aprender.

Seguindo a fala das crianças, eu fui puxando conversa e ensinando um monte de coisas. O melhor é que as crianças iam descobrindo coisas e ensinando umas às outras.

Estudamos onde fica o Brasil e onde fica o Marrocos. Ainda bem que na minha escola tem um mapa do mundo que eu mandei buscar na sala da diretora. Fui mostrando no mapa onde fica o Brasil, (as crianças acharam o Brasil imenso e o compararam com os outros países da América), a América Latina (“por que se chama América Latina?”), os países da América Latina que estão jogando na Copa. Já que eu estava com o mapa na frente, mostrei a América do Sul e a América do Norte e alguns meninos disseram que o time dos Estados Unidos é de *perna de pau* e que não ia chegar às finais. E eu tive a surpresa de ver que as crianças sabem uma porção de palavras em inglês. Da América do Sul e América do Norte passamos para norte e sul, leste e oeste, e eu já estava ensinando os pontos cardeais. Olhar para o mapa e ir identificando os países que já conheciam e aprendendo os que não conheciam me levou a lhes ensinar a idéia de fronteira – os países que têm fronteira com o Brasil e os que não têm.

As perguntas iam surgindo e eu ia respondendo ou, como já disse, as próprias crianças iam descobrindo as respostas. Pode até parecer uma bagunça e falta de manejo de classe da minha parte, mas até que eu achei muito interessante.

As coisas que podiam parecer soltas e até caóticas iam se ligando às outras questões que surgiam e tudo ia fazendo sentido. Isto me fez pensar se o melhor para as crianças aprenderem é seguir o programa ou o que agora substituiu os programas, que são os PCNs. Como se explicaria, então, se da forma como estava acontecendo, eu via que as crianças aprendiam mais e com muito mais prazer. Era uma questão de matemática aqui, uma de geografia ali, uma de história acolá, uma atividade de arte de repente, e música, e televisão, e escrita, muita escrita. Era como se ficasse tudo *pipocando* mas acabasse tudo junto. O que juntava era a Copa do Mundo. Nessa hora me dá saudades de quando nós tínhamos reuniões pedagógicas e podíamos discutir a nossa prática pedagógica e umas ajudavam as outras, o que hoje por causa dos duzentos dias obrigatórios não dá mais.

É incrível como as crianças aprendem muito mais do que manda o programa quando elas estão envolvidas na própria aprendizagem e quando a professora está ensinando o que lhes interessa. Eu sempre me pergunto se tem sentido dizer que não se pode ensinar certas coisas a certas crianças antes que elas atinjam a maturidade. A minha experiência me mostra que quando a criança está interessada ela aprende, como está acontecendo agora com esta coisa de Copa do Mundo. O que me faz pôr em questão o conceito de maturidade. Preciso ler mais sobre isto. Afinal, teoria serve para isso. A gente descobre na prática e vai confirmar na teoria. Seria bom se práticos e teóricos tivessem um diálogo permanente. Nós, as práticas, exerceríamos a nossa prática com mais segurança. Mas acho também que os teóricos poderiam aprender um pouco com a nossa experiência. Todos aprenderiam com o diálogo.

Quando eu mostrei o Marrocos no mapa as crianças quiseram saber que língua se fala no Marrocos e como eu não sabia, propus que a gente fizesse uma pesquisa, procurando nos jornais e nos livros. No dia seguinte, elas vieram todas contentes e orgulhosas porque descobriram que lá se fala francês e árabe. Quiseram saber por que se fala francês na França e também no Marrocos. Ensinei que na África se fala mais de uma língua porque falam a língua do colonizador e a língua do povo nativo. Como fui falar de colonizador e colonizado, lá tive eu de falar sobre a ação colonizadora dos europeus, da escravidão, das lutas pela independência.

A impressão que me dá, agora que eu estou escrevendo sobre o que aconteceu, é que as crianças iam puxando fios e cada fio trazia um assunto e que os fios se emaranhavam como se ganhassem novas formas, e as formas muitas vezes se modificavam e novas formas apareciam. É assim como um caleidoscópio, que está sempre mudando e fazendo surgir novas formas, novas cores, sem nunca voltar à forma original. Liberdade é o que me ocorre. Que lindo viver uma situação de aprender/ensinar criando em liberdade!

As crianças sozinhas foram descobrindo onde fica a África do Sul, a Escócia, a Alemanha, a Itália, a Inglaterra, o Chile e queriam saber onde fica cada um dos países que estão jogando na Copa e que língua se fala em cada país. Nunca vi estas crianças tão animadas para aprender. O interessante é que cada aprendizagem provocava uma nova curiosidade. Depois de descobrirem onde ficam os países, aprenderam o que é continente. ("Então a França é na Europa e o Brasil é na América Latina"), o que é oceano ("Tem um oceano Atlântico entre o Brasil e a França? Então o avião passa por cima do oceano? Então não pode ir de carro pra França?")

As perguntas vinham como enxurrada. E todos falavam ao mesmo tempo. Resolvi pôr uma certa ordem naquela aparente bagunça e propus que cada um levantasse o braço para falar e que os outros esperassem a sua vez, respeitando a fala do colega ou da colega. Deu certo. Acho que respeito se aprende vivendo o respeito pelo outro, e não ouvindo discurso sobre respeito. Incrível é que o tempo não deu para encontrar respostas para tudo o que as crianças queriam saber. Por isso aquela aula durou mais de uma semana e eu vou continuar a registrar tudo o que as crianças foram me obrigando a ensinar.

Como eu já escrevi, elas quiseram saber as línguas que cada seleção fala e nós fomos pesquisar. Depois estudamos as cores das bandeiras; umas elas já tinham visto no jornal ou na televisão, outras foram procurar num livro que uma das meninas trouxe de casa. E foram fazendo a conta de que cor aparecia mais nas bandeiras e de que cores apareciam menos e de quantas bandeiras elas agora conheciam. Discutiram qual a bandeira mais bonita e pedi que cada uma justificasse porque preferia uma bandeira e não outra. Acho importante que as crianças aprendam a respeitar as diferenças de gosto, de escolha, porque assim elas vão aprendendo a viver democraticamente.

Enquanto estudávamos as bandeiras, algumas crianças quiseram desenhá-las, outras preferiram pintar e outras fizeram bandeirinhas com papel, cola e madeira. Quando as bandeiras foram ficando prontas iam sendo colocadas em nosso mural, que ficou lindo. Parecia uma outra bandeira (quem disse isso foi o Pedro que gosta muito de desenhar e que tem alma de artista).

Como algumas crianças tinham visto na televisão as músicas e as danças marroquinas, começaram a perguntar sobre as roupas ("Homem anda vestido de mulher no

Marrocos? Escocês também, né? Parece carnaval"), comentaram o batuque que os marroquinos fizeram antes do jogo ("parece com a nossa escola de samba") e acharam muita graça nos escoceses tocando gaita de fole. O pai do Jorge, que é árabe, mandou um disco de música árabe e nós ouvimos juntos. No dia seguinte, a Maria do Céu trouxe um fado e uma fantasia de portuguesa. Foi um *barato*. Nós combinamos fazer uma festa com os pais e as mães com as músicas de cada lugar. O Zeferino disse que vai trazer um forró e eu achei ótimo, pois todas as crianças se sentiram orgulhosas de sua origem. Acho que é assim que se constrói uma democracia.

Difícil foi quando eles quiseram saber o que é *hooligan*. Bem, eu respondi que são como os *funks*, que estão sempre *aprontando*.

Muito legal foi ver o interesse com que as crianças trabalharam durante toda a semana e tanta coisa que aprenderam. Estudamos juntos tanta coisa sobre o mundo, passando pela matemática, pela geografia, pela história, pela arte, pela música, pelas línguas e pela nossa língua, porque tudo que era estudado era escrito e lido. Era como se nós fôssemos passeando pelas disciplinas sem ficarmos parados nelas e tirando de cada uma aquilo que na hora nos interessava.

Acho que foi importante aproveitar a Copa do Mundo para ensinar tanta coisa para as crianças. Vou continuar a trazer para a sala de aula aquilo em que as crianças, como todos os brasileiros, estão mais interessadas – a conquista do pentacampeonato para o Brasil. Não importa que a Copa do Mundo não seja parte do que está listado nos PCNs, o que importa é que as crianças aprenderam muito mais e melhor do que se eu fosse seguir o que os PCNs mandam a gente ensinar.

E eu tenho de admitir que aprendi muito também. Aprendi sobre tanta coisa que tive de pesquisar, pois não sabia, e aprendi sobre ser melhor professora.

Meu comentário

Lúcia, a professora que venho acompanhando no dia-a-dia de sua sala de aula, que atua com uma turma de crianças de terceira série, não fica presa à divisão disciplinar, mas permite que os conhecimentos vão sendo construídos como rizomas, como raízes daquele capim que o povo chama de *tiririca*, que brotam num lugar e reaparecem em outro, que se aproximam e se afastam como numa dança sem coreografia predefinida, em que são os próprios rizomas que livremente e caoticamente constroem a coreografia. A metáfora empregada por Lúcia de fios que vão sendo puxados e que fazem um emaranhado de fios adquirindo novas formas, me parece rica, pois nos convida a puxar outros fios e criar outros emaranhados num processo de instigante criação.

No final, aquelas crianças haviam aprendido muito mais do que aparece relacionado em qualquer programa ou livro didático para turmas de terceira série e é Lúcia quem constata e reflete sobre os resultados atingidos. Lúcia é, sem dúvida, o que alguns teóricos, entre eles o Shön, denominam *professora reflexiva*. Eu diria mais – porque Lúcia é comprometida com a aprendizagem de seus alunos e portanto inconformada com o fracasso escolar, assume uma postura investigativa, mostrando-se uma professora-pesquisadora. Ela quer saber porquê alguns alunos e alunas não aprendem ou não se interessam por aprender o que a ela, professora, parece importante que seja aprendido. Por querer compreender,

põe-se a pesquisar e, pesquisando, reflete sobre o que descobre. No entanto, como nem sempre encontra explicações para o que descobre, vai buscar na teoria o que, com seus próprios recursos teóricos, não consegue dar conta. Exemplo disso é quando a sua intuição põe em questão o conceito de maturidade como pré-requisito para a aprendizagem. Ela intui, mas não consegue explicar, o que a faz dispor-se a buscar na teoria a justificativa teórica para sua intuição. Intuição que nós sabemos estar afinada com as pesquisas mais avançadas que criticam o próprio conceito de maturidade e que postulam que a maturidade se dá num *continuum* e que a cada atingimento de níveis de maturidade vão se revelando novos aspectos de uma imaturidade que acompanha a todos os seres humanos por toda a vida. Lúcia está trilhando um caminho que rompe com as análises simplificadoras e, ao fazê-lo, vai compreendendo que o real é complexo e como tal deve ser analisado para poder ser mais bem apreendido.

Quando ela reflete sobre a relação entre os práticos e os teóricos, está anunciando o que Boaventura de Sousa Santos propõe como “segunda ruptura epistemológica”, que seria, em seu dizer, o reencontro entre a teoria e a prática, fertilizando-se a teoria e enriquecendo-se a prática.

Eu diria que Lúcia é uma excelente professora porque está sempre atenta ao que acontece no cotidiano de sua sala de aula e porque, estando sempre atenta, pode seguir as pistas que o complexo processo de apropriação/construção de conhecimentos de seus alunos e alunas a desafia a investigar. Lúcia não se recusa a suas intuições, ao contrário, segue-as, decifra-as, aprende com elas porque ousa penetrar em atalhos sem mesmo saber aonde podem dar. É corajosa. Além de tudo é estudiosa e vai

buscar na teoria as respostas para o que não consegue explicar de sua prática. Lúcia é uma boa resposta àqueles que descrevem da capacidade de criar das professoras.

Segunda história – Uma classe de educação infantil onde com tão pouco, tanto se aprende

Como nas histórias infantis, eu vou contar uma história que começa com o *era uma vez*.

Era uma vez uma professora de educação infantil, que naquele tempo todos chamavam jardim de infância. Trabalhava numa escola na periferia de Recife, em Pernambuco. Todas as manhãs vinha para a escola trazendo uma sacola cheia de badulaques que quando ela abria na sala de aula parecia a cartola do mágico – iam saindo fantasias, fantoches, livros de história, chapéus, bonecas, bolas, caixinhas, e sei mais o quê. Nunca eram as mesmas coisas, o que fascinava as crianças que sempre se surpreendiam com as novidades. Mercedes, a professora de quem falo, recolhia tudo que encontrava e pedia a todos que guardassem para a sua turma tudo que não quisessem mais. Os amigos brincavam com ela, dizendo que ela era a Maria Trapeira. Mas ela nem se tocava, pois tudo isto que eu estou contando foi ela própria quem me contou e achando muita graça. Aliás, uma das coisas que mais me impressionou em Mercedes foi o seu bom humor e a capacidade de rir de si mesma, o que me parece uma característica das pessoas inteligentes.

Mercedes me relatou muitas experiências que viveu como professora de crianças até seis anos. Vou me limitar a contar uma das inúmeras histórias que me contou e que muito me ensinaram.

Um dia, Mercedes chegou à escola e encontrou uma de suas alunas, a Rosinha, acorada no chão e chorando.

Abaixou-se para perguntar à menina por que chorava e Rosinha lhe contou que estava chorando porque seu avô lhe dera um cachorrinho e que a mãe não lhe permitira levar para a escola. Mercedes convenceu a menina a entrar e lhe prometeu que iria ver o que seria possível fazer. As duas entraram juntas na sala de aula e, logo, logo, Mercedes pôs em discussão o problema de Rosinha, sugerindo que pensassem juntos o que poderia ser feito. Uns diziam que cachorro não deve entrar na escola porque faz sujeira, outros diziam que se eles cuidassem do cachorro ele não faria nada e que poderia até ficar bem quietinho e se acostumar com a turma. Depois de muita argumentação e contra-argumentação acabaram chegando a um consenso. As crianças iriam em comissão perguntar se a diretora permitiria a presença de um cachorro na escola, e, se ela permitisse, iriam escrever para a mãe de Rosinha dizendo que todos se responsabilizariam pelo cachorrinho.

Assim fizeram. No mesmo dia, foram juntos falar com a diretora, tendo antes planejado o que diriam, quem falaria primeiro e o que o grupo se responsabilizaria por fazer. Não preciso dizer que Mercedes foi com as crianças, orgulhosas da sua generosidade em relação à colega e de sua capacidade de organização. A diretora, apesar de relutante, acabou cedendo com algumas condições – não poderia aparecer qualquer sujeira de cachorro, a turma é que teria a responsabilidade de alimentar o bichinho, nada de correria pelos corredores da escola, e, antes de tudo, era preciso que a mãe de Rosinha concordasse.

À medida que se sentiu compreendida e ajudada, Rosinha parou de chorar e sua expressão de tristeza desapareceu de seu rosto, fazendo reaparecer o brilho de seus olhos cor de mel.

Ao voltarem para a sala de aula, a professora propôs que fizessem juntos uma carta para a mãe de Rosinha. E assim fizeram. A carta ficou imensa, pois todos queriam participar. Mercedes ia escrevendo no quadro de giz o que cada uma das crianças ia dizendo. À medida que a carta ia sendo escrita, as crianças a liam, ainda que não soubessem ler como a escola exige. Mas como tudo que estava escrito era o registro da fala de alguma das crianças, ficava fácil "ler". Terminada a carta, depois de lerem a escrita final e com um ar muito importante de quem se orgulha do que acaba de fazer, algumas crianças quiseram fazer desenhos, pinturas, colagens sobre o que as tinha mobilizado tanto. Uma das crianças quis fazer um desenho na própria carta e o fez. Os demais trabalhos foram colocados no mural da sala.

Quando parecia que tudo estava acabado, alguém lembrou que carta precisa de envelope. Mercedes então ensinou como se pode fazer um envelope com papel, tesoura, cola e régua. A régua apareceu de dentro da sacola mágica da professora, mas era preciso ensinar o que é uma régua, para que serve e como se usa. Mercedes o fez e as crianças foram aprendendo a ler uma régua. De repente, em vez de fazer o envelope, elas estavam querendo medir as mesas, o tamanho dos pés, a janela, a porta; tudo o que viam queriam medir. Mas como a régua não era suficientemente grande, a professora ensinou como se pode "medir somando os pedacinhos". A medição durou tanto tempo que, de repente, bateu o sinal de saída e o envelope não havia sido feito. Combinaram então que fariam o envelope no dia seguinte assim que chegassem à escola. Combinaram também que aquele seria um segredo da turma e que ninguém falaria sobre a carta, para que ela fosse uma surpresa para a mãe de Rosinha.

No dia seguinte, as crianças chegaram bem cedo e logo quiseram fazer o envelope. Decidiram que era melhor fazer vários envelopes e escolher o mais bonito, o que foi aceito por todas as crianças. Fazer os envelopes foi um momento de grande concentração, pois esta era a primeira vez que o faziam. Alguns envelopes ficaram tortos, outros lambuzados, outros ficaram muito pequenos para caber a carta. Finalmente escolheram o envelope que lhes pareceu o mais bem feito e no qual coubesse a carta.

Meu comentário

As crianças estavam desenvolvendo o senso estético, além de aprenderem conceitos matemáticos a partir de uma situação de vida que as mobilizara. Não é preciso dizer que se alfabetizavam no melhor sentido de alfabetização, pois a leitura e a escrita iam acontecendo com uma função prática de necessidade e desejo de comunicação através da linguagem escrita. Ao desenharem, pintarem e fazerem colagens desenvolviam a linguagem plástica. Ao prepararem a cola e as tintas necessitaram de conhecimentos de química, pois uma vez que a escola não dispunha de recursos para comprar cola e tintas, era necessário preparar os materiais com os recursos de que dispunham, ainda que talvez nem a professora pretendesse estar dando aula de química. Aliás os conhecimentos iam aparecendo na medida em que se tornavam necessários para a solução dos problemas que se apresentavam. Nada era gratuito, nada era apenas "dever", nada era apenas aula. Em nenhum momento a divisão disciplinar, mas, como na vida, o conhecimento era religado nas situações práticas que se afiguravam.

Além desses conhecimentos visíveis, aprendiam importantes conhecimentos invisíveis. Aprendiam a

solidariedade, quando se mobilizaram com o sofrimento de Rosinha e se dispuseram a ajudá-la a resolver o problema. Aprendiam a participação e a organização, o respeito pela palavra do outro, e a lutar pelo direito à palavra. Aprendiam a argumentar, a persuadir, a fazer alianças, a criar estratégias para enfrentar problemas. Aprendiam a assumir compromissos e a responsabilidade de quem os assume. Aprendiam se desenvolvendo e se desenvolviam aprendendo.

Confirmava a professora o que já sabia – que a sala de aula pode ser um espaço de imenso prazer e alegria e que não são incompatíveis o aprender e o prazer, ao contrário, talvez o que de melhor se aprenda na escola seja o prazer de aprender.

É preciso dizer que a história do cachorro de Rosinha ainda rendeu muito.

No dia seguinte foram em comitiva, acompanhados pela professora à casa de Rosinha para tentar convencer sua mãe de que o cachorro podia ir com sua dona à escola e que seria muito bem-vindo. Depois de muita conversa, a mãe de Rosinha acabou cedendo, admitindo que “de vez em quando” o cachorro poderia ir com Rosinha, mas que se atrapalhasse, nunca mais ela permitiria que ele fosse. Já voltaram para a escola com o cachorrinho que, como ainda não tinha nome, ficou sendo chamado Dógui. Foi um alvoroço, pois todos queriam pegar o Dógui, dar comida, até banho quiseram dar, mas a diretora não permitiu. Momento de frustração que não durou muito, pois logo surgiu outra idéia.

“Eu acho que o Dógui precisa de uma casa. Vamos fazer?”

Ter a idéia é fácil, fazer é que são elas, pensou a professora. E ao pensar, falou:

“Vamos então planejar como se faz uma casa de cachorro e o que é preciso para construí-la.”

As crianças quiseram primeiro desenhar a casa que queriam fazer. Uma das meninas quis também escrever o nome do cachorro na porta e Mercedes lhe ensinou, escrevendo no quadro. É claro que muitos outros também escreveram o nome do cachorro na casa que desenharam.

Escolhido o modelo de casa, agora era preciso levantar o que seria necessário para construí-la. E foram registrando: madeira, serrote, pregos, martelo, cola, pincel, lixa, tinta, e dividindo tarefas: uns trariam madeira, outros pincel e cola de madeira, outros lixas, e assim, cada uma das crianças se dispôs a trazer aquilo que já tinha em casa. No dia seguinte nem tudo apareceu, pois nem todos os pais acreditaram na história do cachorro e na casa para ele.

Mercedes compreendeu que nada se pode fazer na escola sem a adesão dos pais e resolveu chamá-los para uma reunião de pais e mães. Nem todos os pais e mães vieram, mas os que compareceram passaram a colaborar e o material apareceu. E a construção da casa do cachorro começou com grande alegria.

Meu comentário

Para quem acompanhou, fica fácil dizer todos os conhecimentos que foram se tornando necessários para que a casa pudesse ser construída, sempre sabendo que o que parece tudo será uma forma de simplificação de toda a complexidade que não se revela à primeira vista. Calcular, medir, serrar respeitando o veio da madeira, lixar sem arranhar, usar o martelo para pregar os pregos com cuidado para não bater no dedo e para não entortar

o prego, colar dois pedaços de madeira juntando-os bem, escolher a cor da tinta, misturar os pigmentos para chegar à cor desejada, esperar secar para só depois de seca poder pintar o nome do cachorro, pintar com cuidado para não borrar. Tantos conhecimentos úteis à vida e em geral esquecidos pela escola.

Ao fazer a casa, aprendiam também noções de equilíbrio, de tamanho, de altura, de largura, de profundidade, de quantidade, de qualidade, de diferença, de todo e partes, de espaço externo e espaço interno, de vazio, de textura, de brilho e de fosco, de duro e de mole, de resistente e de frágil. E aprendiam também a solidariedade, a cooperação, a participação, a troca, o respeito às pessoas, aos animais e aos materiais, a economia, o aproveitamento e a redefinição de materiais que se opõe ao desperdício e ao consumismo, a alegria de fazer junto e de aprender junto, o amor que surge do fazer junto e aprender junto.

Muito mais aprenderam aquelas crianças. Aprenderam sem ter aula desta ou daquela disciplina separadamente, pois tudo tinha a ver com tudo, pois tinha a ver com a vida. Aprenderam fazendo, investigando, descobrindo, trocando, experimentando, ousando. Aprenderam errando e acertando, com certezas e incertezas, aprenderam porque se permitiam ter dúvidas, expressá-las e procurar explicações ou soluções para as inúmeras dúvidas. Aprenderam sendo aceitas em suas diferenças. Aprenderam ao serem aceitas enquanto legítimos outros e aceitando o outro enquanto legítimo outro, conforme diz nosso mestre Maturana que apesar de ser biólogo tanto nos tem ensinado sobre educação. Aliás, Maturana confirma com seu interesse abrangente, que o “especialista” que só sabe de sua “especialidade”

em geral não sabe sequer de sua especialidade, pois seguindo a recomendação de outro mestre, Edgar Morin, nosso convidado especial para este livro, há que se religar os saberes para se chegar a conhecer o todo. Ou melhor dizendo, há que se conhecerem as partes para se conhecer o todo, bem como, só se podem conhecer as partes quando se conhece o todo.

Bem, contei apenas duas histórias de escola, de professora e de crianças, de ensino e de aprendizagem. Poderia contar vinte ou duzentas ou duas mil, pois este meu baú de memórias de professoras a cada dia se avoluma com novas histórias de quem está nas salas de aula das escolas brasileiras e que apesar de tudo resiste ao rolo compressor do projeto neoliberal que se apresenta como “a única alternativa”.

Quem conhece escola sabe que o que contei é o que acontece desde sempre nas escolas... quando a alma não é pequena.

